

Um olhar sobre Clóvis Moura: história familiar, militância comunista e a escrita da história do Brasil negro – Entrevista com Soraya Moura

Henrique Roberto Figueiredo*

Resumo:

Nesta entrevista, realizada em 12 de maio de 2023, Soraya Moura, filha de Clóvis Moura fala a respeito de seu pai, o importante intelectual marxista e militante comunista. Além dos aspectos relacionados à história familiar, a entrevista é conduzida de forma a apresentar as contribuições teóricas e políticas de Clóvis Moura para o pensamento social brasileiro e, sobretudo, para as lutas negras contra a dominação e exploração.

Palavras-chave: Clóvis Moura; Soraya Moura; Militância Comunista; Universidade.

A look at Clóvis Moura: family history, communist militancy and the writing of the history of black Brazil – Interview with Soraya Moura

Abstract:

In this interview, held on May 12, 2023, Soraya Moura, daughter of Clóvis Moura talks about her father, the important Marxist intellectual and communist activist. In addition to aspects related to family history, the interview is conducted in order to present Clóvis Moura's theoretical and political contributions to Brazilian social thought and, above all, to black struggles against domination and exploitation.

Keywords: Clóvis Moura; Soraya Moura; Communist Militancy; University

* Doutorando em História Econômica pela Universidade de São Paulo (USP), São Paulo-SP, Brasil. Professor de História do Brasil e educador popular no Cursinho Popular Vito Giannotti. End. eletrônico: hrfigueiredo2016@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2675-6370>

Introdução – As origens de Clóvis Moura

Henrique Roberto Figueiredo: Olá, Soraya, muito obrigado por aceitar o convite para esta entrevista. Gostaria que você nos contasse, em primeiro lugar, um pouco sobre você, pode ser? Quem é Soraya Moura? Quais aspectos destacaria da sua formação intelectual?

Soraya Moura: Tenho 64 anos, sou especialista em organização de acervos e já trabalhei com pesquisa. Iniciei o mestrado na USP (Universidade de São Paulo), mas não me adaptei, além disso, eu não tinha tempo para coisas típicas da universidade, tinha uma filha. Eu queria estudar a *Revista Fundamentos*¹, estava sob a orientação da Nanci Leonzo que emprestou uma vaga do Nicolau Sevckenko, que não estava orientando ninguém naquele momento. Cheguei a conversar com o Carlos Guilherme Motta, que queria que eu trabalhasse os cabanos, na época ele estava escrevendo um livro sobre a “Ideia de Revolução no Brasil”, mas, eu não quis continuar no mestrado. Em seguida, aprendi Braille e trabalhei com transcrição na Biblioteca Monteiro Lobato. Depois entrei pra área de acervo. Trabalhei também no Museu do Imigrante.

Henrique Roberto Figueiredo: Gostaríamos de entender um pouco de sua constituição e história familiar: Qual o nome da sua mãe? Como ela e seu pai se conheceram? De onde eles são e de onde eram as famílias deles? Sua mãe também era militante?

Soraya Moura: Minha mãe se chamava Iracema Silva Moura, era funcionária pública, frequentava a intelectualidade (se dizia uma inocente útil), eles [Clóvis e Iracema] frequentavam o Clubinho, um bar no Instituto dos Arquitetos que reunia intelectuais e artistas progressistas. Se casaram em 1954, ela era descendente de italianos.

Já a minha avó paterna era descendente de suíços, “era neta do Barão Steiger”. A família toda está no anuário de famílias de origem alemã, que só descobri depois que meu pai faleceu. O “Barão” veio como desenhista de um naturalista suíço para a Bahia, em Ilhéus (sempre brincávamos na família com o meu pai: onde foi parar essa coisa cheia de dinheiro?). Havia tanta importância da família que parece que o príncipe Maximiliano² se hospedou na fazenda de cacau do Barão.

Já o avô paterno do meu pai (que era fiscal de imposto de renda), meu pai sempre achou que fosse negro. Eu tenho a impressão de que não era negro, dados os nomes originários Abdon e Moura. A brincadeira que existia na família era a de

¹ A *Revista Fundamentos* funcionou de 1948 a 1955, foi lançada pela Editora Brasiliense, como revista de divulgação cultural vinculada ao Partido Comunista Brasileiro (PCB), logo após este ser colocado na ilegalidade em 1947.

² Para mais informações, consultar <https://bancodavitoria.wordpress.com/2017/03/05/barao-von-steiger/> Acesso em 30 mai. 2023.

que uma suíça estava se casando com um mexicano. Meu avô mesmo, tinha a tez mais escura, parecia algo como um índiano ou árabe mesmo. Era o próprio mouro.

Os meus avós tiveram três filhos, a Merita, Carlitos e o Clóvis (meu pai). Carlitos era loiro de olhos azuis, meu pai sempre achou que havia uma preferência dos pais em relação a ele. Meu pai se identificava como negro e achava que seu pai também era.

Henrique Roberto Figueiredo: Como era a sua relação com seu pai? Sendo ele um militante comunista, embora não mais filiado ao PCB durante a Ditadura Militar (1964-1985), correu perigos e chegou mesmo a ser “fichado” pelo DEOPS (Departamento de Ordem Política e Social)³. Esse período implicou nas relações familiares de seu pai?

Soraya Moura: Meu pai era muito presente, fazíamos radionovelas, brincávamos. Eu sempre tive uma admiração grande pelo meu pai, aos sete anos admirava e sabia que ele fazia algo que não podia ser comentado. Não entendia muito bem o que era, mas sabia que era algo importante.

O DEOPS, por um tempo, visitou com frequência a nossa casa, e uma vez fez uma visita em São Paulo (morávamos em Moema). Em outra vez, levaram meu pai. Ele ligou para um familiar e disse alguma coisa como: “onde deixou o meu pente”. Isso possibilitou que a família desconfiasse do que havia acontecido. Ele não chegou a ser torturado fisicamente, mas ouviu tortura psicológica.

Ele foi convidado a trabalhar na Folha de Carlos, onde escreveu as crônicas que foram publicadas depois como o título de *Sparkenbroke*.

Henrique Roberto Figueiredo: Você foi ou possui alguma filiação política? Como era essa relação entre você e seu pai, havia incentivo para organizar-se politicamente?

Soraya Moura: Fui filiada ao PT nos anos 80. Meu pai nunca me orientou a entrar nesse ou naquele partido, era um rebelde, ele não admitia a arrogância, era desbocado. Isso fazia com que arrumasse brigas nos partidos. Ele não aceitava muitas coisas. Eu era comunista desde sempre, sem ser ou falar de partido. Tive uma briga com o Clóvis por ter votado no PT, Clóvis dizia que o PT seria a porta do fascismo no Brasil, disse isso em 2001 quase que prevendo.

Acho que isso diz respeito a essa relação que meu pai tinha com o fato de ser comunista. Ele era boêmio e dizia que vivia fazendo os “cursos Stálin” como punição ou castigo do partido. Durante a Ditadura (1964-1985). Me lembro que ele

³ As fichas criminais de Clóvis Moura no DEOPS/SP podem ser consultadas em:

<https://www.dropbox.com/s/1pvqa0yn5nhadn9/DEOPS.pdf?dl=0>

<https://www.dropbox.com/s/hs3e6l0xrcu7fp2/DEOPS%202.pdf?dl=0> Acesso em 30 mai. 2023.

tinha um apego grande com o Pedro Pomar. Recebia muita gente em casa, até padre, só não suportava ignorância [risos], (ele se dizia um livre pensador).

Mas, não fale mal de Stálin perto dele [risos]. Eu e uma amiga éramos conhecidas na USP como stalinistas. Um amigo da família, um italiano, dizia: “Stalin matou pouco”. E meu pai dizia que a gente tem a cabeça cristã, reduz tudo a bom e mau, a coisa não era bem assim. Ele chegou a expulsar um trotskista amigo meu da USP de nossa casa em uma discussão [risos].

Henrique Roberto Figueiredo: Como me apresentei à senhora, os livros de Clóvis mudaram a minha vida. Sou filho de um homem negro nascido em Rondônia, que é filho de mineiros (do norte de Minas). Minha mãe, por outro lado, é uma mulher branca, de família branca de várias origens, mas todos eram bóias-frias no interior de São Paulo. Quando comecei a estudar História na universidade, fui me dando conta da dimensão que tinha a minha história familiar e conseqüentemente a minha própria história. O livro *Dialética radical do Brasil negro*⁴ não poderia ter caído em minhas mãos em momento mais oportuno. Parte das grandes compreensões que tive naquele momento consistia em refletir sobre a minha identidade racial de maneira mais politizada (dado que os questionamentos sobre a minha identidade sempre existiram). Por isso, gostaria de te fazer essa pergunta de caráter mais pessoal: como você se identifica?

Soraya Moura: Sempre coloquei nas respostas para documentos oficiais como parda. Para falar a verdade, nunca refleti sobre isso, nunca me preocupei em saber ou identificar o que eu era. Mas, meu pai se identificava como negro. Por exemplo, não gostei do Marighella como preto, ele tinha mistura, poderia se passar mais facilmente em qualquer lugar como uma pessoa branca.⁵ Não chegava nos espaços e as pessoas identificavam: “olha aí o negro!”. Acredito que não tenha sentido tanto o preconceito pela cor da pele. E, por exemplo, nunca vi meu avô ou o meu pai sofrerem racismo. Eu também nunca sofri, então, sempre tive comigo que era parda.

A militância comunista de Clóvis Moura

Henrique Roberto Figueiredo: Muitos estudos apontam que o Clóvis (posso chamá-lo dessa maneira?) aderiu ao PCB na Bahia, por volta de 1942, quando ainda era um jovem. O PCB foi fundado um ano antes do nascimento dele, no mesmo ano tivemos o ápice da Coluna Costa-Prestes. Mais tarde, em 1929, o PCB teria a atenção chamada pelos dirigentes da III Internacional (1919-1943) por

⁴ Ver Moura (2014). A publicação original é de 1994.

⁵ Refere-se ao filme *Marighella*, dirigido por Wagner Moura, lançado no Brasil em 2021. O filme gerou polêmicas pelo fato do músico e ator Seu Jorge, um homem negro de pele escura, ter representado o revolucionário Marighella.

negar o “problema das raças” e o racismo no Brasil.⁶ Você sabe quais eram as motivações de Clóvis para entrar no PCB, tendo em vista esses acontecimentos? Como ele via a questão racial no interior do PCB?

Soraya Moura: Na entrada ao PCB a questão era mais política e menos racial. Não me lembro nada sobre menção a Coluna, mas talvez tivesse alguma importância para ter entrado no partido. Meu pai tinha muito respeito pelo Prestes, mas, que eu saiba, não havia contato direto entre eles. O fato é que ele tinha respeito por vários intelectuais, os chamados clássicos brasileiros.

Henrique Roberto Figueiredo: Clóvis publicou na *Revista Fundamentos* na década de 1950, fundada por Monteiro Lobato, e na época dirigida por Caio Prado Jr., Vilanova Artigas e Armênio Guedes como membros do PCB. Teve contato imediato com o Artigas que se encarregava de lhe pedir e ler os seus textos. A figura de Monteiro Lobato, contudo, é um tanto controversa no que diz respeito à “questão racial”. Havia algum desentendimento teórico entre Moura e Lobato ou alguma relação?

Soraya Moura: Todos eles frequentavam o Bar Clubinho. Meu pai fazia um balanço bom de Monteiro Lobato. Comprava e lia Monteiro Lobato pra mim. Achava que o Lobato mostrava o mundo como o mundo era, como era na época e do pensamento racista da época. Acho que meu pai não ia gostar dessa ideia de representatividade, eu mesma não gosto. Porque ela distorce a realidade, a realidade é da população negra em péssimas condições.

Henrique Roberto Figueiredo: Moura junto com a irmã dele, Maria do Rosário Meira da Cunha, fundou a Revista Flama em 1951, sabe-se que a revista também divulgava conteúdo diretamente vinculado ao PCB. Havia envolvimento da família com o PCB naquele momento?

Soraya Moura: A Merita acompanhava bem, foi acompanhando por estar próxima mesmo. Meu pai dizia que o Partido tinha uma moralidade jesuítica na forma, mas na realidade tudo acontecia por baixo dos panos [risos]. Um caso entre a Merita e o Marighella foi levado em reunião para o PCB. Muitos casos pessoais eram levados para discussão.

Henrique Roberto Figueiredo: Alguns comentadores e estudiosos da obra de seu pai afirmam que ele chegou a ser candidato a parlamentar pela legenda do PSB (Partido Socialista Brasileiro), dada a impossibilidade de candidaturas do PCB, em 1946. Como se deu esse processo? Clóvis o mencionava?

Soraya Moura: A legenda foi cassada. Mas ele dizia, não sei se como brincadeira (ninguém sabia ao certo), que veio fugido do delegado da cidade, porque teve um caso com a filha dele [risos]. Mario Gruber, Vivaldo da Costa Lima, Jorge

⁶ Para mais informações, consultar Rocha (2022).

Amado e meu pai moraram juntos numa pensão em São Paulo. Depois, os pais do meu pai [Clóvis Moura] vieram para São Paulo também.

Henrique Roberto Figueiredo: Qual era a relação de Clóvis com as experiências socialistas? Com a União Soviética? Com as experiências de Angola e Moçambique? Na ficha do DEOPS consta que o nome de Moura estava entre os que lamentaram o falecimento de J. Stálin ao “Governo Russo” e que era responsável por fazer o contato do PCB com o MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola). Havia alguma afinidade pela figura do líder soviético? Havia relações entre Clóvis e os comunistas em Angola?

Soraya Moura: Meu pai tinha muito apreço, embora tivesse muitas discordâncias (acho que a ideia era: “eu posso falar mal, mas você não”). Ele chegou a ir em um congresso de escritores soviéticos e ganhou um “broche Lenin”. Estava próximo das demais experiências também. Vinha pessoal de Angola em casa, mas acho que não tinha participação ativa e militante oficial, era algo de ideias, de circulação das pessoas em nossa casa.

Henrique Roberto Figueiredo: Hoje em dia temos mais trabalhos que apontam a Thereza Santos, que integrou o Teatro Experimental do Negro (TEN) e foi militante do PCB, como responsável por fazer essa mediação com os comunistas na África, sobretudo Angola e Moçambique. Clóvis tinha relações com Thereza? Mencionava ela?

Soraya Moura: Mencionava a Thereza, se falavam muito por telefone, eram próximos. Mas não sei se isso tinha vinculação com fazer contato com Angola ou Moçambique oficialmente pelo PCB.

Henrique Roberto Figueiredo: A senhora, na entrevista concedida a Jefferson Garcia⁷, relata que Pedro Pomar frequentava sua casa em plena Ditadura. Moura afirma no prefácio do *Diário de Guerrilha do Araguaia*⁸ que recebeu os documentos da guerrilha das mãos de um dirigente do PCdoB (Partido Comunista do Brasil)⁹ que, posteriormente, teria sido morto. Você sabe quem era o dirigente e quais os vínculos do Moura com os dirigentes do PCdoB naqueles anos? Clóvis não optou pela luta armada (fica evidente parte de sua percepção no prefácio para o *Diário de Guerrilha do Araguaia*). Ele mencionava a respeito dessa possibilidade e dessa discussão específica?

Soraya Moura: Pedro Pomar entregou os documentos. O Arruda era muito amigo do meu pai também. Meu pai ficou chateado com o PCB, achava que alguém de lá de dentro dedurou ele para o DEOPS, ele tinha alguém em mente, não me

⁷ Entrevista de Soraya Moura concedida a Jefferson Garcia (2021).

⁸ Consultar *Diário da Guerrilha do Araguaia*, com apresentação de Clóvis Moura (1979).

⁹ Em 1962, mobilizados Maurício Grabois, João Amazonas e Pedro Pomar, militantes do então PCB (Partido Comunista Brasileiro, fundado em 1922), iniciam uma dissidência, criando o PCdoB (Partido Comunista do Brasil). Para maiores informações, consultar Gorender (1998).

lembro o nome, mas os Documentos do DEOPS devem apontar. Sobre a luta armada, ele achava prematura, achava infantil, sem análise de conjuntura sólida.

Henrique Roberto Figueiredo: Clóvis escreveu muitas coisas sobre literatura brasileira, Jorge Amado por exemplo esteve próximo de Clóvis em alguns momentos, como se pode ver pelos livros poesia, comentou a obra de Machado de Assis e Lima Barreto também. Mas, quais eram as relações entre Clóvis e escritoras negras como Ruth Guimarães, Carolina Maria de Jesus que viveram no mesmo período? Além disso, existia alguma proximidade com a leitura de Maria Firmina dos Reis?

Soraya Moura: Recebia os livros e lia, mas não tinha proximidade com as autoras. Tem momentos que a política se sobrepõe, por conta das perseguições, isso variou conforme as oscilações.

A relação com Caio Prado Júnior

Henrique Roberto Figueiredo: Na entrevista concedida para Jeferson Garcia, a senhora fala que a relação entre Clóvis e Caio Prado Júnior é um tanto controversa e que nas cartas trocadas, Caio não desencoraja Clóvis de fazer suas pesquisas, mas, na verdade, o alerta para as dificuldades. Além disso, a senhora diz que Caio era uma referência teórica para Clóvis. Muitos comentadores da obra de Clóvis apontam para esse episódio como um momento denúncia da relação e como “ponto negativo” da conduta de Caio Prado Jr. Temos alguns levantamentos que indicam essa relação controversa muito mais profunda que a questão da pesquisa e da edição do livro *Rebeliões da Senzala*¹⁰. Não houve contato direto entre ambos?

Soraya Moura: Meu pai achava que o Caio tinha desdenhado um pouco do *Rebeliões*. Mas, o que foi mais central, é que aconteceu algo na Revista Fundamentos numa época mais dura da conjuntura. Teve um artigo criticando o Caio Prado Jr., que o Caio achava que havia sido escrito pelo Clóvis Moura, mas na verdade era o Carlos Marighella. A revista não podia ter contato com a ANL, que o Marighella fazia parte, então não se podia escrever o nome na publicação de artigos, então era comum utilizar as siglas iniciais. No artigo apareciam as iniciais C.M. e meu pai não podia contar para o Caio que quem havia escrito a crítica na verdade era o Carlos Marighella [risos].

Olha, meu pai era um comunista diferente, ele ia em candomblé, mesmo sendo ateu convicto. Acho que entendeu o materialismo dialético e isso o deixava muito livre. Ele achava que Caio não teve continuadores, ele conseguia compreender o contexto das pessoas, ver os seus limites e os limites de uma época.

¹⁰ Moura (1959).

A relação com a universidade

Henrique Roberto Figueiredo: Em 1988, ano do centenário da Abolição, Clóvis, junto com Jacob Gorender e Ciro Flamarion Cardoso, se meteu em algumas discussões com intelectuais da academia. Mesmo entre eles houve certa discussão. Ciro Cardoso fez a defesa do conceito de “Brecha Camponesa”, Moura e Gorender discordaram; as principais críticas ao conceito foram escritas por Clóvis em 1994 no *Dialética Radical do Brasil Negro*. Além disso, Clóvis não chegou a defender a tese de “modo de produção escravista colonial”, como os outros dois intelectuais fizeram, mas apontou para o “modo de produção escravista” com semelhanças essenciais ao que ocorreu no mundo antigo (como consta no *Dicionário da Escravidão Negra no Brasil*¹¹, em que vocês trabalharam juntos). Para além das discussões teóricas, havia relações entre Clóvis, Jacob Gorender e Ciro Cardoso?

Soraya Moura: Xingava o Ciro de tudo quanto é nome: farsante, arrogante! Acho que tinha a ver com a marginalização na academia. Com Gorender não havia muito contato, o Clóvis o achava muito fechado.

Henrique Roberto Figueiredo: Em 1971, Clóvis publicou o livro *Sociologia de la Práxis*, pela Siglo XXI do México. Ele chegou a viajar para o México? Clóvis manteve contato com alguns intelectuais pela América Latina, inclusive Peru e México; elaborou textos a respeito do Haiti, da condição dos negros na América Latina por exemplo em *O negro: de bom escravo a mau cidadão?*¹² Qual era a relação dele com os demais países da América Latina para além dos estudos mencionados?

Soraya Moura: Foi para o Peru, não foi para o México. Ficou dois meses nos EUA na Universidade de San José, convidado pelo T. Skidmore, sempre dizia que os alunos de lá não sabiam nada de nada, eram burros, não conheciam nem Freud.

Sobre os novos estudos e a recente recuperação da obra de Clóvis Moura

Henrique Roberto Figueiredo: O CEDEM-UNESP possui um Fundo Clóvis Moura¹³, ele foi doado por você? Como foi esse processo de decisão, seleção e contato com a universidade para que ficasse com o acervo?

Soraya Moura: Tudo foi doado ao CEDEM-UNESP e Solange de Souza recebeu (outra “viúva do Stálin”). O restante, sobretudo livros, foram vendidos para a Fundação Palmares, Oswaldo de Camargo era muito amigo do meu pai. Quando o filho dele, Sergio Camargo, assumiu, destruiu e proibiu alguns livros, parte deles era do meu pai, pude reconhecê-los. Ele rubricava os livros. A maioria dos livros

¹¹ Moura (2004). Soraya Moura foi assessora de pesquisa desta produção.

¹² Moura (2021). A versão original é de 1977.

¹³ O acervo está disponível em: <https://www.cedem.unesp.br/#!/acervo/> Acesso em 30 mai. 2023.

retirados eram dele. Os livros estavam na Palmares do Rio de Janeiro. Sergio sacaneou, mas a galera do arquivo que não tombou ou preservou também deixou de lado.

Henrique Roberto Figueiredo: No início do século XXI algumas dissertações de mestrado foram escritas a respeito da vida e obra de Clóvis, é o caso do trabalho de Érika Mesquita¹⁴. Temos os trabalhos de Teresa Malatian¹⁵ sempre muito direcionados a partir das fontes que constam no Fundo Clóvis Moura do CEDEM-UNESP. Mas, mais recentemente, novos trabalhos foram escritos. Podemos lembrar dos trabalhos de Fábio Nogueira Oliveira¹⁶, Gustavo Souza¹⁷ e Márcio Farias¹⁸. Como a senhora vê essa nova onda de produções, esse interesse de muitos jovens negros e negras pelo pensamento e pela práxis de Clóvis?

Soraya Moura: Érika fez com Clóvis vivo, isso é mais interessante. Christian Ribeiro¹⁹ pesquisa sobre. Meu pai sempre dizia que a produção dele só serviria se mudasse a vida das pessoas, então, acho que o que ele queria que acontecesse está acontecendo.

Referências

FARIAS, Márcio. Clóvis Moura e o Brasil: um ensaio crítico. 1ª ed. – São Paulo: Editora Dandara, 2019.

_____. Pensamento social e relações raciais no Brasil: a análise marxista de Clóvis Moura. *Margem Esquerda*, São Paulo, n. 27, 2016.

GARCIA, Jeferson. Clóvis Moura: uma biografia. Entrevista com Soraya Moura. *Fundação Dinarco Reis*, 04 nov. 2021. Disponível em: <https://fdinarcoreis.org.br/2021/11/04/clovis-moura-uma-biografia/?fbclid=IwAR31Tfg4mzWuu4JngN8X0WAg85w2rlsFmyi5EQ32BJGp8ajTC9TCTTofnoE> Acesso em 30 mai. 2023.

GORENDER, Jacob. *Combate nas Trevas*. São Paulo: Editora Ática, 1998.

MALATIAN, Teresa Maria. *Clóvis Moura: uma biografia*. Teresina: EdUESPI, 2022.

_____. Da antropologia cultural ao materialismo histórico: primeiros estudos de Clóvis Moura sobre o negro. *Revista de Teoria da História*, Goiânia, vol. 22, n. 02, p. 123-136. 2019.

¹⁴ Mesquita (2002)

¹⁵ Ver Malatian (2022; 2019; 2019a; 2018)

¹⁶ Consultar Oliveira (2009).

¹⁷ Souza (2013).

¹⁸ Farias (2019; 2016).

¹⁹ Ribeiro (2018).

- _____. Rebeliões da Senzala, História do Negro Brasileiro e Injustiças de Clio: uma aproximação do percurso historiográfico de Clóvis Moura. In: *Anais do 9º Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional*, Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 14 a 18 mai. 2019a.
- _____. Um jornalista combatente: Clóvis Moura, *Flama* e a política cultural do PCB (1951-52). *História*, São Paulo, v. 37, e2019008, 2018.
- MESQUITA, Érika. *Clóvis Moura: uma visão crítica da história social brasileira*. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Estadual de Campinas, 2002.
- MOURA, Clóvis. *O negro: de bom escravo a mau cidadão?* São Paulo: Editora Dandara, 2021.
- _____. *Dialética radical do Brasil negro*. São Paulo: Fundação Maurício Grabois; Anita Garibaldi, 2014.
- _____. *Dicionário da Escravidão Negra no Brasil*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.
- _____. Apresentação. In. POMAR, Pedro. *Diário da Guerrilha do Araguaia*. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1979.
- _____. *Rebeliões da senzala: quilombos, insurreições, guerrilhas*. São Paulo: Edições Zumbi, 1959.
- RIBEIRO, Cristian Carlos Rodrigues. Clóvis Moura, um intelectual em constante revolução. Aspectos da formação teórica e política de um rebelde com causa. In: Anais da 8a. *Conferência latinoamericana y caribenha de Ciencias Sociales*. Las luchas por la igualdad, la justicia sociale y la democracia en un mundo turbulento. Buenos Aires, 19 al 23 nov. 2018.
- ROCHA, Gabriel dos Santos. A questão racial no Partido Comunista (1922-1943). In: SECCO, Lincoln; PERICÁS, Luiz Bernardo (Orgs.). *História do PCB*. Cotia-SP: Ateliê Editorial, 2022.
- OLIVEIRA, Fábio Nogueira de. *Clóvis Moura e a Sociologia da Práxis Negra*. Dissertação (Mestrado em Ciências Jurídicas e Sociais) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009.
- SOUZA, Gustavo Orsolon de. “Rebeliões da Senzala”: diálogos, memória e legado de um intelectual brasileiro. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2013.